

Automedicação em Estudantes Universitários no Brasil: Uma revisão de literatura

Self-Medication in University Students in Brazil: A literature review

Automedicación en Estudiantes Universitarios de Brasil: Una revisión de la literatura

Recebido: 23/07/2023 | Revisado: 03/08/2023 | Aceitado: 07/08/2023 | Publicado: 10/08/2023

Aryela da Silva Lima

ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-7385-8393>

Unidade de Ensino Superior de Feira de Santana, Brasil

E-mail: aryelalima@outlook.com

Karine Machado Santos

ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-8470-5007>

Centro Universitário Nobre, Brasil

E-mail: karinemachadofsa@hotmail.com

Lucas Alberto Andrade Freitas

ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-5931-1712>

Centro Universitário Nobre, Brasil

E-mail: lucasalbertoaf@gmail.com

Danrley Oliveira Carneiro

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3599-1900>

Universidade Estadual de Feira de Santana, Brasil

E-mail: danrley.oliveira@gmail.com

Walker Nonato Ferreira Oliveira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1864-0546>

Universidade do Estado da Bahia, Brasil

E-mail: walkernonato@hotmail.com

Resumo

Automedicação é o uso de medicamentos sem a orientação profissional qualificada. É um problema de saúde pública que afeta especialmente a população estudantil, que muitas vezes recorre a medicamentos para melhorar o desempenho acadêmico ou tratar doenças comuns. Este estudo teve por objetivo analisar o risco da automedicação e das reações adversas na população universitária brasileira. Trata-se de uma revisão integrativa de literatura utilizando as bases de dados Scielo, BVS e Portal CAPES. Foram utilizados os descritores: Automedicação; Estudantes; Efeitos Adversos. O operador AND foi utilizado para refinar a busca. Foram definidos como critérios de inclusão: artigos completos, dissertações e teses disponíveis gratuitamente; idioma de publicação em português. Foram excluídos os artigos que não se adequaram aos critérios de inclusão, artigos duplicados ou que fugissem da temática. Foram encontrados 275 estudos. Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, foram selecionados 22 estudos. A automedicação é um problema de saúde pública e é uma realidade especialmente entre os estudantes universitários, principalmente nos cursos da área de saúde. Os analgésicos/antipiréticos, antiespasmódicos, antiácidos e antidiarréicos, bem como os antibióticos, vitaminas e anticoncepcionais são os fármacos mais utilizados pela população estudantil. A publicidade e a propaganda de medicamentos, a disponibilidade e acesso aos medicamentos, a falta de acesso ao serviço de saúde e a demora no atendimento possuem impactos substanciais no aumento da prática da automedicação.

Palavras-chave: Automedicação; Estudantes; Medicamentos sem prescrição; Prescrições medicamentosas.

Abstract

Self-medication is the use of medication without qualified professional guidance. It is a public health problem that especially affects the student population, who often turn to medication to improve academic performance or treat common illnesses. This study aimed to analyze the risk of self-medication and adverse reactions in the Brazilian university population. This is an integrative literature review using the Scielo, BVS and CAPES Portal databases. The descriptors used were: Self-medication; Students; Adverse effects. The AND operator was used to refine the search. The following inclusion criteria were defined: complete articles, dissertations and theses freely available; publication language in Portuguese. Articles that did not meet the inclusion criteria, duplicated articles or those that deviated from the theme were excluded. 275 studies were found. After applying the inclusion and exclusion criteria, 22 studies were selected. Self-medication is a public health problem and it is a reality especially among university students, especially in courses in the health area. Analgesics/antipyretics, antispasmodics, antacids and antidiarrheals, as well as antibiotics, vitamins and contraceptives are the drugs most used by the student population. Publicity and advertising of medicines, availability and access to medicines, lack of access to health services and delay in care have substantial impacts on the increase in the practice of self-medication.

Keywords: Self Medication; Students; Nonprescription drugs; Drug prescriptions.

Resumen

La automedicación es el uso de medicamentos sin orientación profesional calificada. Es un problema de salud pública que afecta especialmente a la población estudiantil, que suele recurrir a medicamentos para mejorar el rendimiento académico o tratar enfermedades comunes. Este estudio tuvo como objetivo analizar el riesgo de automedicación y reacciones adversas en la población universitaria brasileña. Esta es una revisión integrativa de la literatura utilizando las bases de datos del Portal Scielo, BVS y CAPES. Los descriptores utilizados fueron: Automedicación; Estudiantes; Efectos adversos. El operador AND se utilizó para refinar la búsqueda. Se definieron los siguientes criterios de inclusión: artículos completos, disertaciones y tesis de libre disposición; idioma de publicación en portugués. Se excluyeron los artículos que no cumplían con los criterios de inclusión, los artículos duplicados o los que se desviaban de la temática. Se encontraron 275 estudios. Después de aplicar los criterios de inclusión y exclusión, se seleccionaron 22 estudios. La automedicación es un problema de salud pública y es una realidad sobre todo entre los estudiantes universitarios, sobre todo en carreras del área de la salud. Analgésicos/antipiréticos, antiespasmódicos, antiácidos y antidiarreicos, así como antibióticos, vitaminas y anticonceptivos son los fármacos más utilizados por la población estudiantil. La publicidad y publicidad de los medicamentos, la disponibilidad y el acceso a los medicamentos, la falta de acceso a los servicios de salud y la demora en la atención tienen impactos sustanciales en el aumento de la práctica de la automedicación.

Palabras clave: Automedicación; Estudiantes; Medicamentos sin prescripción; Prescrições medicamentosas.

1. Introdução

A automedicação é definida como o uso de fármacos sem prescrição médica prévia, abrangendo tanto os medicamentos sujeitos a receita como os de venda livre. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), a automedicação envolve a escolha e o consumo de medicamentos (incluindo produtos naturais, fitoterápicos e convencionais) por parte das pessoas para tratar doenças ou sintomas que elas mesmas podem reconhecer; essa prática representa um problema de saúde pública emergente que acarreta o risco de abuso, com todas as implicações associadas, tais como reações adversas e elevados custos dos serviços de saúde para atender pessoas que sofrem de intoxicação medicamentosa decorrente dessa conduta (Melo et al., 2021).

Tal prática pode acarretar riscos à saúde, tais como a ocultação da doença, a ocorrência de efeitos e reações adversas, a extensão ou o agravamento da patologia, a predisposição ou a resistência aos fármacos utilizados, a dependência psíquica ou física a certos medicamentos empregados para alterar o humor, entre outras (Campos et al., 2014).

Diversos fatores influenciam na decisão de automedicar-se, entre os quais se sobressaem os fatores sociais, como a pressão familiar para oferecer uma solução para os problemas de saúde e a falta de tempo para uma consulta médica em uma sociedade marcada pelas exigências laborais e domésticas. Dentro dos fatores econômicos, se destacam a escassa oferta de serviços públicos de saúde, o desemprego, as precárias condições de vida e, principalmente, a baixa renda familiar que limita o acesso aos serviços de saúde (Bortolon et al., 2007; Sá et al., 2007).

Na América Latina, a população do Brasil e da Argentina apresenta um alto índice de consumo de medicamentos sem prescrição médica ou de um profissional de saúde. Cabe destacar que as publicações de estudos que apontem as características específicas da automedicação em populações bem delimitadas, como a dos estudantes universitários são escassas (Varanda Pereira et al., 2011).

A população estudiantil do nível superior é composta predominantemente por jovens potencialmente saudáveis, porém, o ambiente acadêmico pode ser estressante (Tesser, 2006). O ingresso do estudante na faculdade geralmente requer adaptações à nova realidade em vários âmbitos da vida (pessoal, social, econômico e acadêmico). A transição do aluno, do ensino médio para o ensino superior, implica em novas demandas, ou seja, os acadêmicos devem adotar novos comportamentos diante das diversas tarefas que a faculdade impõe. O mesmo ocorre quando o adulto retoma os estudos e se integra à academia (Tânia Sofia Correia, 2003).

Partindo do pressuposto de que a população estudiantil do nível superior que realiza a automedicação desconhece os riscos e efeitos adversos à saúde resultante deste hábito, este estudo busca analisar, através de uma revisão de literatura, os riscos da automedicação e das reações adversas na população universitária brasileira.

2. Metodologia

Este estudo trata-se de uma revisão integrativa da literatura. Uma revisão integrativa de literatura é um tipo de revisão sistemática que busca sintetizar os resultados de diferentes estudos sobre um mesmo tema ou questão de pesquisa. Esse método permite combinar dados de diferentes fontes, como artigos científicos, livros, teses, relatórios, entre outros, e analisá-los de forma crítica e integrada. Envolve a formulação de uma pergunta norteadora, a busca e seleção dos estudos, a extração e avaliação dos dados, e a análise e síntese dos resultados (Hermont et al., 2022).

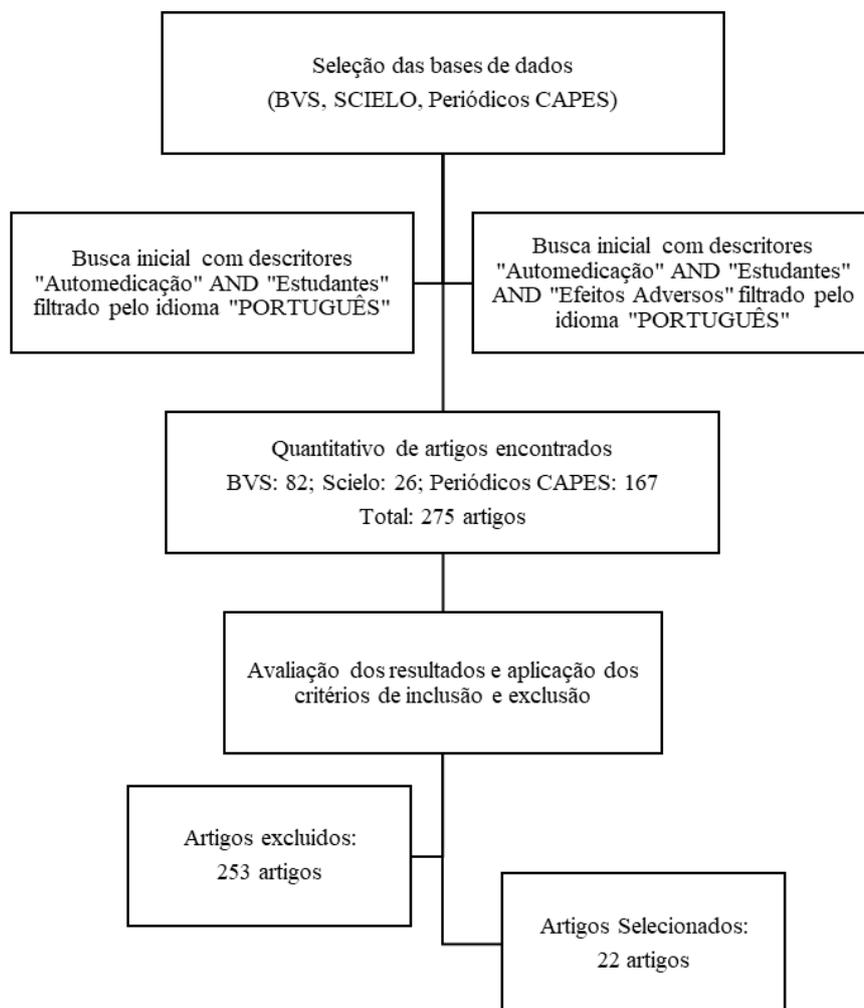
As bases de dados consultadas incluíram a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS); Scientific Electronic Library Online (Scielo); e Portal de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Foram utilizados os seguintes descritores, buscados inicialmente na plataforma Descritores em Ciências da Saúde - DeCS: Automedicação; Estudantes; Efeitos Adversos. O operador booleano AND foi utilizado para refinar a busca nas bases de dados de modo que fossem encontrados o maior número de publicações que contivesse a junção entre dois ou mais descritores. Foram definidos como critérios de inclusão: artigos completos, dissertações e teses disponíveis gratuitamente; idioma de publicação em português. Foram excluídos os artigos que não se adequaram aos critérios de inclusão, bem como os artigos duplicados ou que fugissem da temática proposta pelo estudo.

O processo inicial de seleção do material para revisão se deu através da leitura dos títulos, objetivos e resumos. Após a avaliação inicial, foi realizada a leitura minuciosa dos estudos previamente selecionados a fim de realizar posterior refinamento.

3. Resultados e Discussão

Inicialmente foram capturados 275 estudos. Sendo 167 do Portal CAPES, 82 da BVS e 26 do Scielo. Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, foram selecionados 22 estudos conforme a qualidade e relevância com o tema proposto. A Figura 1 ilustra o processo de busca e seleção dos artigos.

Figura 1 - Fluxograma ilustrando a busca e seleção de artigos.



Fonte: Autores.

O Quadro 1 apresenta os principais achados dos artigos revisados, bem como suas respectivas conclusões.

Quadro 1 – Artigos selecionados para revisão de literatura, seus principais achados e conclusões.

Autor/Ano	Título	Principais Achados
(Alves & Malafaia, 2014)	<i>Automedicação entre estudantes de uma instituição de ensino superior de Goiás</i>	A prevalência da automedicação 68,3% analgésicos, antipiréticos, antibióticos e anti-inflamatórios foram os fármacos mais utilizados. Conclui-se que é necessário uso racional de medicamentos através de ações educativas.
(MARINI et al., 2015)	<i>Perfil da automedicação em universitários da cidade de Mogi Guaçu</i>	Aponta que 98% dos estudantes se automedicam. Os analgésico-antipiréticos, antiespasmódicos, antiácidos e antidiarreicos foram os fármacos mais utilizados pelos estudantes. Conclui que automedicação indiscriminada deve ser combatida.
(Fontanella et al., 2013)	<i>Perfil de automedicação em universitários dos cursos da área da saúde em uma instituição de ensino superior do Sul do Brasil</i>	A frequência de automedicação foi elevada. Os fármacos mais citados foram os analgésicos e antitérmicos. O principal sintoma para a automedicação foi cefaleia. Concluiu que o maior conhecimento sobre os medicamentos consumidos não isenta de riscos inerentes à prática da automedicação.
(Pires Freitas et al., 2017)	<i>Automedicação em Universitários do curso de Graduação da área de Saúde em uma Instituição de Ensino Superior Privada em Vitória da Conquista</i>	Aponta que 95,8% dos estudantes praticam a automedicação, e o fazem reaproveitando receitas vencidas ou por indicação de parentes. As vitaminas e os antialérgicos foram os fármacos mais utilizados. Conclui que uso racional de medicamentos deve ser incentivado.

(Galato et al., 2012)	<i>Automedicação em estudantes universitários: a influência da área de formação</i>	A estudante mulher é a que mais se automedica; analgésicos e antitérmicos são os medicamentos mais utilizados. Revelou a influência da publicidade e a área de formação mostrou-se irrelevante para a prática.
(De Fátima Lima Lopes et al., 2014)	<i>A prática da automedicação entre estudantes de uma instituição de ensino superior de Teresina-PI</i>	91,4% dos estudantes se automedicam, mesmo conhecendo os riscos desta prática; os medicamentos mais utilizados foram analgésicos, anti-inflamatórios, antibióticos, fármacos para resfriados e gripes, xaropes; buscaram informação do farmacêutico.
(R. C. G. Da Silva et al., 2012)	<i>Automedicação em acadêmicos do curso de medicina</i>	A prevalência da automedicação foi de 92,0%. Os medicamentos mais consumidos foram analgésicos e antitérmicos, anti-inflamatórios, antigripais e antibióticos. Conclui-se que a taxa da prática de automedicação demandava intervenção.
(Iuras et al., 2016)	<i>Prevalência da automedicação entre estudantes da Universidade do Estado do Amazonas (Brasil)</i>	Cerca de 89% dos estudantes se automedicam, motivados pelo alívio da dor (cefaléia e dor no estômago) e acesso livre aos medicamentos. Não houve reações adversas nos estudantes, mas conclui que é necessário preocupação sobre o tema.
(Montanari et al., 2014)	<i>Automedicação em acadêmicos de uma universidade pública do sul de Minas Gerais.</i>	A automedicação é uma prática frequente nos estudantes, sendo os fármacos mais utilizados foram os analgésicos/antipiréticos por causa de cefaleias e resfriados. Conclui-se que a automedicação foi motivada por familiares ou farmacêuticos.
(F. M. da Silva et al., 2014)	<i>Caracterização da prática de automedicação e fatores associados entre universitários do curso de Enfermagem</i>	A automedicação é uma prática comum, os analgésicos e anti-inflamatórios são os fármacos mais utilizados. Os motivos que levaram os estudantes a se automedicarem foram: influência de terceiros, alívio da dor, demora no atendimento.
(D. C. Moraes et al., 2015)	<i>Automedicação praticada por acadêmicos do curso de graduação em enfermagem do centro universitário de Gurupi, Tocantins.</i>	Dos entrevistados 88,89% se automedicava, sobretudo mulheres. Os analgésicos e antibióticos foram os mais citados e estes foram comprados sem receita médica. A maioria disse ser capaz de se automedicar, entretanto desconhecem as ações adversas dos medicamentos.
(Dantas Coelho et al., 2017).	<i>Relação entre a autopercepção do estado de saúde e a automedicação entre estudantes universitários</i>	A prevalência de estudantes que se automedicavam foi baixa, dos que realizam essa prática, a dificuldade de acesso aos serviços de atenção foi a principal causa.
(Domingues et al., 2017)	<i>Automedicação entre os acadêmicos da área de saúde</i>	A prevalência da automedicação foi de 55,7%, sendo as mulheres em maior número. Os analgésicos foram os fármacos mais consumidos e a causa foi o reconhecimento do sintoma que poderia ser resolvido sem uma consulta médica.
(Gama & Secoli, 2017)	<i>Automedicação em estudantes de enfermagem do Estado do Amazonas – Brasil</i>	Expressiva prevalência da automedicação, especialmente no gênero feminino.
(Souza et al., 2015)	<i>Estudo comparativo da automedicação praticada por estudantes dos cursos das áreas de Ciências da Saúde, Humanas, Exatas e Sociais da UNIPLAC</i>	A predominância da automedicação foi do sexo feminino; As vitaminas, os tranquilizantes e antidepressivos foram os medicamentos mais utilizados, motivados pelo estresse do curso. Conclui-se que o consumo desse tipo de medicamento é um alerta e deve ser investigado.
(Abujamra Tomasini et al., 2015)	<i>Prevalência e fatores da automedicação entre estudantes universitários no Norte do Paraná</i>	As mulheres foram as que mais se medicaram. Os medicamentos mais utilizados foram analgésicos, antitérmicos e antibióticos indicados por parentes e adquiridos sem receita. Constatou-se hábito de ler as bulas dos medicamentos e conclui que a facilidade ao acesso é a maior causa da automedicação.
(Aparecida et al., 2016)	<i>Comportamento dos universitários do curso de biomedicina na realização da prática de automedicação</i>	A prevalência da automedicação é alta 100%, sendo que a maioria compra o medicamento com facilidade sem receita médica. Os analgésicos foram os medicamentos mais consumidos. Alerta sobre a incidência de efeitos colaterais associados a essa prática e a necessidade do uso racional de medicamentos.
(Martinez et al., 2014)	<i>Estudo da automedicação para dor musculoesquelética entre estudantes dos cursos de enfermagem e medicina da Pontifícia Universidade Católica - São Paulo</i>	Há predomínio de mulheres no grupo de saúde. No grupo de saúde houve um maior número de estudantes de medicina. Há alto grau de autoatendimento e os fármacos mais empregados são anti-inflamatórios. Conclui que automedicação é igualmente praticada entre estudantes de saúde e outras áreas.

(Chaves et al., 2017)	<i>Perfil de automedicação entre estudantes de enfermagem</i>	A automedicação é uma prática realizada pelos estudantes de enfermagem por acreditarem possuir conhecimentos necessários para isso. Foi notório maior utilização de analgésicos pelos estudantes entrevistados e a presença de reações adversas aos medicamentos.
(Corrêa Da Silva et al., 2017)	<i>Automedicação entre universitários dos cursos de graduação na área da saúde na FCV-Sete Lagoas: influência do conhecimento acadêmico.</i>	A prevalência da automedicação foi de 36%. Os medicamentos mais utilizados foram os anti-inflamatórios e analgésicos. Alerta que a maioria dos estudantes não possuía conhecimento adequado para automedicar-se.
(Lima et al., 2022)	<i>Automedicação entre estudantes de graduação do interior do Amazonas</i>	Dos 694 estudantes avaliados, 483 (69,6%) reportaram algum consumo de medicamentos nos últimos 30 dias. Desses, 387 (80,1%) indicaram automedicação. Os medicamentos mais consumidos por automedicação foram os analgésicos (51,8%), seguidos dos anti-inflamatórios e antirreumáticos (10,4%), anti-histamínicos para uso sistêmico (10,2%) e antibacterianos para uso sistêmico (6,3%).
(Da Silva Cândido et al., 2021)	<i>Uso de estimulantes do Sistema Nervoso Central por estudantes de saúde do sertão de Pernambuco</i>	71,1% dos estudantes se automedicavam enquanto 69,84% já haviam usado algum psicoestimulante para auxiliar na rotina dos estudos.

Fonte: Autores.

A automedicação, seja de fármacos, ervas e/ou remédios caseiros, é uma prática frequente em diversos países e culturas. Grosso modo, pode-se considerar tal prática como “ancestral” caso seja considerada a utilização de substâncias e plantas para aliviar sintomas e tratar doenças nas civilizações antigas. Apesar de ser uma prática antiga, atualmente a automedicação é considerada um problema de saúde pública, uma vez que pode acarretar efeitos adversos à saúde e provocar óbitos (Melo et al., 2021; Tesser, 2006).

O uso de remédios caseiros é uma prática comum no Brasil. Certos fármacos e ervas naturais são de fácil acesso à população, sendo comercializados livremente em mercados populares, esquinas e ruas de muitas cidades. O remédio caseiro é, frequentemente, visto como algo “milagroso” pelo senso comum, curando todos os males. No entanto, alguns desses fármacos podem trazer riscos à saúde, dada a grande variedade de espécies potencialmente tóxicas que são vendidas sem controle (Veras Ribeiro et al., 2004).

A prática da automedicação no Brasil apresenta índices alarmantes. Cerca de 72% da população já consumiu medicamento por conta própria e 40% fizeram autodiagnóstico através de buscas na internet. Constata-se que a utilização inadequada de medicamentos está entre as três principais situações causadoras de intoxicação em seres humanos (Alves & Malafaia, 2014; Marini et al., 2015). Esses dados são confirmados através do Sistema Nacional de Informações Toxicofarmacológicas (SINITOX), da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). O órgão aponta que no Brasil o uso incorreto de medicamentos é responsável pela intoxicação de 1 pessoa a cada 42 minutos. Dados de 2017 apontaram que o uso inadequado de medicações foi a principal causa de intoxicação na população brasileira (27,27%), seguida de picadas de animais peçonhentos (12,62%) e uso de drogas (8,08%) (FIOCRUZ, 2017).

A automedicação entre os estudantes universitários é uma prática frequente e preocupante, que pode estar relacionada a diversos fatores, como o estresse acadêmico, a falta de tempo, a facilidade de acesso aos medicamentos e a influência familiar e social. Essa prática aparenta ser mais comum em estudantes do sexo feminino, o que pode estar associado a questões culturais, biológicas e comportamentais (Da Silva et al., 2012; de Fátima Lima Lopes et al., 2014; Fontanella et al., 2013; Galato et al., 2012; Marini et al., 2015; Pires Freitas et al., 2017). Da Silva Cândido et al. (2021) identificou ainda que os estudantes que tinham filhos e que indicavam medicamentos a terceiros tinham maior chance de se automedicarem com psicoestimulante.

A prática da automedicação atinge ambos os sexos de todas as camadas sociais, entretanto, a mulher pode correr mais riscos à saúde, pois seu metabolismo hormonal é diferenciado e no período da gravidez pode correr o risco de teratogênese fetal, prejudicando o desenvolvimento do feto (Cristhina et al., 2016). No Brasil a maior prevalência de automedicação em mulheres

tem se mantido por duas décadas (Arrais et al., 2005). A publicidade e propaganda de medicamentos voltados ao cuidado da saúde da mulher pode representar um estímulo ao consumo de medicamentos sem orientação profissional neste grupo (De Almeida-Junior et al., 2016).

Um estudo realizado por Carvalho et al. (2013) envolvendo 128 adolescentes brasileiros teve uma média de idade amostral de 13 anos, apontando que o hábito da automedicação no Brasil pode preceder mesmo a fase classificada como “jovem” pelo Estatuto da Juventude. Por sua vez, Odete Pereira Amaral et al. (2014) em seu estudo realizado em Portugal envolvendo 182 participantes (jovens e adultos) apontou que os jovens estão mais propensos a se automedicarem, ficando a média de idade da amostra em torno dos 25 anos.

A renda familiar é um fator que pode influenciar na prática da automedicação; os estudos analisados apontaram grande variação neste quesito, com rendas que iam desde 1 a 2 salários-mínimos até R\$100.000,00 (cem mil reais), indicando que tal prática é comum em todas as classes sociais (Alves & Malafaia, 2014; de Fátima Lima Lopes et al., 2014; Fontanella et al., 2013). No entanto, destaca-se que as classes sociais mais baixas, geralmente usuárias do sistema público de saúde, podem ter maior propensão à automedicação, devido à dificuldade de acesso aos serviços de saúde, à falta de recursos para consultas e exames particulares e à baixa qualidade da assistência prestada pelo sistema público (Mendes, 2014).

A automedicação entre estudantes tem sido tema de estudo em diversos países da Europa, América e Ásia (Schuelter-Trevisol et al., 2011). Por estarem estudando na universidade, os acadêmicos, especialmente os da área de saúde, possuem um conhecimento maior sobre a ação e efeito dos fármacos, o que pode representar certo impulsionamento para automedicar-se (R. C. G. Da Silva et al., 2012; Fontanella et al., 2013; Galato et al., 2012; Pires Freitas et al., 2017; Lima et al., 2022).

A automedicação é motivada por uma série de razões que englobam desde os fatores socioeconômicos e até mesmo o conhecimento individual dos alunos. A literatura analisada se ocupou em descrever que os fatores que estimulam a automedicação são diversos, mas fundamentalmente se concentram nos padrões culturais constantemente promovidos por nossa sociedade de consumo, a exemplo disso, a busca do alívio da dor, isso porque dor é algo urgente a ser combatido, e na busca pelo alívio rápido, as pessoas acabam se automedicando (Montanari et al., 2014; da Silva et al., 2014).

Os apelos publicitários usam frases de efeito que seduzem o consumidor, levando-o a consumir medicamentos sem prescrição. A publicidade exalta os benefícios dos produtos e trata de modo superficial as reações e os efeitos colaterais que os mesmos podem provocar. Os meios de comunicação como a TV e o rádio, bem com a internet, são motivadores em alto grau na tomada de decisão de consumir um fármaco por vontade própria, o que facilita que existam altas taxas de prevalência da automedicação no país (Dantas Coelho et al., 2017; da Silva et al., 2014).

De Lyra *et al.* (2010) analisa a influência da propaganda na utilização de medicamentos em idosos, concluindo que este grupo também consome medicamentos influenciados pela mídia. Salienta-se, entretanto, que apenas 1 dos 20 estudos analisados destacou a ausência de fiscalização nas propagandas de medicamentos (Dantas Coelho *et al.*, 2017).

A disponibilidade ampla de medicamentos e seu fácil acesso em farmácias também é um fator importante relacionado a automedicação dos estudantes (Dantas Coelho et al., 2017; Montanari et al., 2014; F. M. da Silva et al., 2014). No Brasil há uma farmácia para cada três mil habitantes, quando a recomendação da Organização Mundial de Saúde é de uma para cada oito mil. Esse número acentuado de farmácias disponíveis pode ter contribuído para a automedicação. Outro ponto importante é a falta de orientação profissional, onde frequentemente o medicamento é comprado apenas com consulta ao balconista, sem contato direto com o farmacêutico responsável (Galato et al., 2012).

A falta de acesso ao serviço de saúde e a demora no atendimento médico podem se mostrar fatores influenciadores para a prática da automedicação. Esses problemas podem levar as pessoas a buscarem soluções imediatas para seus problemas de saúde, muitas vezes sem o conhecimento adequado sobre os medicamentos que estão tomando e seus efeitos colaterais (Dantas

Coelho et al., 2017; Montanari et al., 2014; Mussolin, 2004). A falta de recursos financeiros para acesso aos serviços de saúde também contribui para reforçar a automedicação, tornando a prática uma questão cultural (Marques, 2014).

A automedicação pode ainda ser intensificada por campanhas promocionais que oferecem medicamentos a preços baixos. Influenciadas pelo marketing, muitas pessoas compram e estocam medicamentos em casa para automedicarem-se quando necessitarem. Essa situação é agravada pelo fato de que, além de fazerem a automedicação individual, muitas pessoas oferecem medicamentos a familiares, amigos, vizinhos e parentes, contribuindo para a automedicação coletiva (Gama & Secoli, 2017).

Outro fator motivacional para automedicação é a pressão constante das famílias ao oferecer ou recomendar a ingestão ou a aplicação de diversos medicamentos quando há queixa de alguma dor baseando-se apenas em sua própria experiência pessoal. Neste aspecto, o risco da prática se agrava pelo baixo nível de instrução das pessoas, especialmente dos pais de família, os quais ignoram por completo as consequências e efeitos colaterais dos medicamentos (Dantas Coelho et al., 2017; Montanari et al., 2014; D. C. Moraes et al., 2015).

As prescrições antigas são um fator indutor à automedicação; por exemplo, se o paciente já sentiu determinado sintoma e foi tratado com o medicamento X, ele buscará por conta própria comprar esse medicamento a fim de buscar alívio para o que sente (Gama & Secoli, 2017; da Silva et al., 2014).

Destaca-se ainda que possuir conhecimento sobre medicação é um dos motivos para a prática da automedicação. O aumento dos conhecimentos científicos adquiridos nas universidades, especialmente no campo da saúde, gera uma autossuficiência na prática medicamentosa. Entretanto, apesar de serem capazes de reconhecer conhecimentos suficientes, muitos estudantes admitem não ler a bula dos medicamentos, desconhecendo, portanto, os efeitos adversos ou as contraindicações do medicamento consumido, aumentando as chances de intoxicação por medicamentos e Reação Adversa a Medicamentos (RAM) (Dantas Coelho et al., 2017; Domingues et al., 2017; Gama & Secoli, 2017; Martinez et al., 2014; Montanari et al., 2014; D. C. Moraes et al., 2015; Mussolin, 2004; Santos & Coutinho, 2010; F. M. da Silva et al., 2014; Souza et al., 2015).

Uma diversidade de medicamentos é utilizada pelos estudantes acadêmicos nas mais diferentes regiões do Brasil (Chaves et al., 2017; Corrêa Da Silva et al., 2017; Martinez et al., 2014). Vitaminas, tranquilizantes, antidepressivos, analgésico-antipiréticos, anti-inflamatórios, antiespasmódicos, antiácidos, antidiarreicos, não esteroidais absolutos (AINEs), tais como paracetamol, ibuprofeno e diclofenaco, são os medicamentos mais utilizados pela população estudantil. A motivação decorre do estresse que o estudo traz, onde muitas vezes o estudante não consegue dar conta de alguma demanda e sofre com problemas de saúde como insônia, cefaleia, sintomas de gripe e inflamações diversas (Abujamra Tomasini et al., 2015; Aparecida et al., 2016; Chaves et al., 2017; Dantas Coelho et al., 2017; Marini et al., 2015; Montanari et al., 2014; Moraes et al., 2015; da Silva et al., 2014; Souza et al., 2015).

Os achados dos estudos supracitados entram em consonância com o Instituto Virtual de Fármacos do Rio de Janeiro (IVFRJ, 2006) que elencou os principais medicamentos consumidos com frequência pelos brasileiros na automedicação e suas principais decorrências, destacando ainda os xaropes, cremes e pomadas, colírios, antiácidos, remédios naturais, suplementos alimentares dentre outros. Analgésicos/antipiréticos, antiespasmódicos, antiácidos e antidiarreicos, assim como os antibióticos, vitaminas e anticoncepcionais foram os fármacos mais utilizados pela população em geral (Ignácio De Loyola Filho et al., 2002).

A prática da automedicação não está isenta de riscos, particularmente no que se refere a determinados grupos terapêuticos. Isso porque existe a possibilidade dos efeitos da medicação utilizada “mascarar” doenças graves, com consequente atraso no diagnóstico ou prejuízo no seguimento médico de situações potencialmente graves (Abujamra Tomasini et al., 2015; Aparecida et al., 2016; Chaves et al., 2017; Corrêa da Silva et al., 2017; da Silva et al., 2014; Souza et al., 2015). Além disso, o consumo crônico de fármacos como os AINEs acarreta a uma série de consequências negativas para a saúde, como o aparecimento de úlcera péptica, efeitos renais ou cardiovasculares, sendo este último menos frequente na população jovem (Moraes et al., 2016).

A automedicação pode trazer sérios danos à saúde porque cada medicamento, por mais seguro que seja, pode ocasionar reações e efeitos adversos. Os medicamentos de tarja preta são especialmente perigosos, pois podem causar dependência e trazer muitos efeitos colaterais e contraindicações. (Bortolon et al., 2007).

A combinação inadequada de medicamentos pode ser muito perigosa para a saúde. O uso de um fármaco pode anular ou potencializar o efeito do outro; alguns medicamentos, por exemplo, podem diminuir ou tornar ineficaz o efeito de anticoncepcionais, tais como antibióticos e determinados fitoterápicos. (Chaves et al., 2017; Fernandes & Cembranelli, 2015; Martinez et al., 2014; Souza et al., 2015).

Entretanto, a automedicação realizada de forma racional pode ser benéfica tanto para o sistema de saúde — reduz os custos, o absentismo — quanto para o indivíduo, pois diminui as idas às unidades de saúde. Isso porque a automedicação racional está relacionada com a questão do autocuidado, ou seja, a responsabilidade que o indivíduo tem em manter sua saúde e bem-estar (Aparecida et al., 2016; Chaves et al., 2017; Marini et al., 2015; Moraes et al., 2015; Pelicioni, 2006; Pires Freitas et al., 2017; Souza et al., 2015).

Para que o uso racional de medicamentos seja possível, é necessário o envolvimento de diversos atores, incluindo os prescritores e os pacientes. Os pacientes devem ser educados sobre os riscos da automedicação e a importância do acesso aos serviços médicos para a dispensação da receita médica. (Franceschet-de-Sousa et al., 2010).

4. Conclusão

A prática da automedicação é um problema de saúde pública. Entre os estudantes universitários é uma realidade especialmente nos cursos da área de saúde por julgarem terem conhecimento suficiente para tal prática. Os analgésicos/antipiréticos, antiespasmódicos, antiácidos e antidiarreicos, bem como os antibióticos, vitaminas e anticoncepcionais são os fármacos mais utilizados pela população estudantil. O principal motivo considerado pelos alunos como prova da automedicação é a banalidade dos sintomas tratados já que eles se automedicaram contra dores, sintomas da gripe, problemas estomacais e inflamações. A publicidade e a propaganda de medicamentos, a disponibilidade e acesso aos medicamentos, a falta de acesso ao serviço de saúde e a demora no atendimento possuem impactos substanciais no aumento da prática da automedicação. É imprescindível que sejam realizadas ações educativas em saúde ainda durante a graduação como forma de alerta para os riscos que a prática pode ocasionar. Por fim, como forma de reduzir o impacto da prática, sugerimos que novos estudos sejam realizados com projetos de intervenções educacionais para reduzir a automedicação em estudantes universitários.

Referências

- Abujamra Tomasini, A., Maria Biehl Ferraes, A., & Sifuentes dos Santos, J. (2015). Prevalência e fatores da automedicação entre estudantes universitários no Norte do Paraná. *Biosaúde*, 17(1).
- Alves, T. de A., & Malafaia, G. (2014). Automedicação entre estudantes de uma instituição de ensino superior de Goiás. *ABCS Health Sciences*, 39(3). <https://doi.org/10.7322/abcs.hs.v39i3.649>
- Aparecida, J., Oliveira, S., Fernandes, W. S., César, R., Ferreira, A., Aparecida, S., & Lapena, B. (2016). Comportamento dos universitários do curso de biomedicina na realização da prática de automedicação. *Revista Brasileira de Educação e Saúde*, 6(2), 05–08. <https://doi.org/10.18378/REBES.V6I2.3444>
- Arrais, P. S. D., Brito, L. L., Barreto, M. L., & Coelho, H. L. L. (2005). Prevalência e fatores determinantes do consumo de medicamentos no Município de Fortaleza, Ceará, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, 21(6), 1737–1746. <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2005000600021>
- Bortolon, P., Karnikowski, O., & Assis, M. (2007). Automedicação versus indicação farmacêutica: O profissional de farmácia na atenção primária à saúde do idoso. *Revista APS*, 10(2), 200–209.
- Campos, A. V., Carlos, N., Lima, U., Euclides, S., & Filho, S.-. (2014). Prevalência e Riscos da Prática da Automedicação por Pacientes do Centro de Estratégia de Agentes Comunitários de Saúde (EACS) Joel Neves, no Município de Três Lagoas-Ms. *Revista Conexão*.
- Carvalho, R., Julia, A., Godoy, A., & Halpern, R. (2013). Automedicação e comportamento entre adolescentes em uma cidade do Rio Grande do Sul. *Aletheia*, 41, 134–153. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942013000200011&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt

Chaves, A. C. T. A., Alves, L. A., Rocha, M. N. C., Souza, M. N. R. de, Chaves, V. T. A., & Silva, W. S. (2017). Perfil de Automedicação Entre Estudantes de Enfermagem. *Revista Saúde.Com*, 13(4), 1016–1021. <https://doi.org/10.22481/rsc.v13i4.523>

Corrêa Da Silva, M. G., Soares, M. C. F., & Muccillo-Baisch, A. L. (2017). Automedicação Entre Universitários dos Cursos de Graduação na Área Da Saúde Na FCV-Sete Lagoas: Influência do Conhecimento Acadêmico. *Revista Brasileira de Ciências Da Vida*, 5(1). <https://doi.org/10.1186/1471-2458-12-339>

Cristhina, I., Clementino, P., Leite, R., Maria, M., Cavalcante, S., Furtado, A., Dos, S., Rocha, S., Rios Mariz, S., Lopes De Oliveira, T., Peron, A. P., Lopes, C. M., Bantim, I., Calou, F., & Santos Cerqueira, G. (2016). Automedicação em acadêmicos: um estudo transversal Self-medication in students: a cross sectional study. In *Boletim Informativo Geum (Issue 1)*. <http://www.ojs.ufpi.br/index.php/geum/>

Da Silva Cândido, G., Da Silva Teixeira, J. P., Gabrielle Torres Príncipe, L., Mariano Terto, M. V., Amorim Roque, V. M., Lima, V. da S., & Cavalcante da Silva, G. (2021). Uso de estimulantes do sistema nervoso central por estudantes de saúde do sertão de Pernambuco. *Revista Enfermagem Atual In Derme*, 95(36). <https://doi.org/10.31011/read-2021-v.95-n.36-art.1101>

Da Silva, R. C. G., Oliveira, T. M., Casimiro, T. S., Vieira, K. A. M., Tardivo, M. T., Faria, M., & Restini, C. B. A. (2012). Automedicação em acadêmicos do curso de medicina. *Medicina (Ribeirão Preto)*, 45(1), 5–11. <https://doi.org/10.11606/ISSN.2176-7262.V45I1P5-11>

Dantas Coelho, M. T. Á., Dos Santos, V. P., Do Carmo, M. B. B., De Souza, A. C., & Xavier França, C. P. (2017). Relação entre a autopercepção do estado de saúde e a automedicação entre estudantes universitários. *Revista Psicologia, Diversidade e Saúde*, 6(1), 5. <https://doi.org/10.17267/2317-3394rps.v6i1.1141>

De Almeida-Junior, G., Kamonseki, D. H., & Rostelato-Ferreira, S. (2016). Perfil de automedicação no município de São Miguel Arcanjo/ SP. *Espaço Para a Saúde*, 17(2), 93–100. <https://doi.org/10.22421/15177130-2016V17N2P93>

de Fátima Lima Lopes, W., Rejane de Oliveira Marques Coelho, M., Pereira de Oliveira, J., Maria de Oliveira Araujo, Y., do Carmo Nogueira Melo, M., Ibiapina Tapety, F., & em Reabilitação Oral -USP, D. (2014). A prática da automedicação entre estudantes de uma instituição de ensino superior de Teresina-PI. *Revista Interdisciplinar*, 7(1), 17–24. <https://uninovafapi.homologacao.emnuvens.com.br/revinter/article/view/148>

de Lyra, D. P., Neves, A. S., Cerqueira, K. S., Marcellini, P. S., Marques, T. C., & de Barros, J. A. C. (2010). Influência da propaganda na utilização de medicamentos em um grupo de idosos atendidos em uma unidade básica de saúde em Aracaju (SE, Brasil). *Ciência & Saúde Coletiva*, 15(SUPPL. 3), 3497–3505. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232010000900024>

Domingues, M. P. S., Brandt, G. P., Oliveira, A. P. R., Souza, S. J. P., Ramires, M. A., & Burci, L. M. (2017). Automedicação entre os acadêmicos da área de saúde. *Visão Acadêmica*, 18(2). <https://doi.org/10.5380/ACD.V18I2.52943>

Fernandes, W. S., & Cembraneli, J. C. (2015). Automedicação e o Uso Irracional de Medicamentos: O Papel do Profissional Farmacêutico no Combate a Essas Práticas. *Revista Univap*, 21(37), 5–12. <https://doi.org/10.18066/REVISTAUNIVAP.V21I37.265>

FIOCRUZ. (n.d.). Sinitox | *Dados nacionais*. 2017, from <https://sinitox.icict.fiocruz.br/dados-nacionais>

Fontanella, F. G., Galato, D., & Remor, K. V. T. (2013). Perfil de automedicação em universitários dos cursos da área da saúde em uma instituição de ensino superior do sul do Brasil. *Revista Brasileira de Farmácia*, 94(2), 154–160.

Franceschet-de-Sousa, I., Biscaro, A., Biscaro, F., & Fernandes, M. S. (2010). Uso racional de medicamentos: relato de experiência no ensino médico da Unesc, Criciúma/SC. *Rev. Bras. Educ. Méd.*, 438–445. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022010000300014&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt

Galato, D., Madalena, J., & Pereira, G. B. (2012). Automedicação em estudantes universitários: a influência da área de formação. *Ciência & Saúde Coletiva*, 17(12), 3323–3330. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232012001200017>

Gama, A. S. M., & Secoli, S. R. (2017). Automedicação em estudantes de enfermagem do Estado do Amazonas – Brasil. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 38(1), e65111. <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2017.01.65111>

Hermont, A. P., Zina, L. G., Silva, K. D. da, Silva, J. M. da, & Martins-Júnior, P. A. (2022). Revisões integrativas em Odontologia. *Arquivos Em Odontologia*, 57. <https://doi.org/10.7308/aodontol/2021.57.e01>

Ignácio De Loyola Filho, A., Uchoa, E., Guerra, H. L., Firmo, J. O. A., & Lima-Costa, M. F. (2002). Prevalência e fatores associados à automedicação: resultados do projeto Bambuí. *Rev Saúde Pública*, 36(1), 55–62. www.fsp.usp.br/rsp

Instituto Virtual de Fármacos do Rio de Janeiro (IVFRJ). (2006, June 30). *Automedicação: hábito perigoso para a saúde*. http://www.ivfrj.ccsdecania.ufjr.br/ivfonline/edicao_0012/automedicacao.html

Iuras, A., Franco Marques, A. A., Da Fonseca Roberti Garcia, L., Santiago, M. B., & Lima Santana, L. K. (2016). Prevalência da automedicação entre estudantes da Universidade do Estado do Amazonas (Brasil). *Revista Portuguesa de Estomatologia, Medicina Dentária e Cirurgia Maxilofacial*, 57(2), 104–111. <https://doi.org/10.1016/J.RPEMD.2016.01.001>

Lima, P. A. V., Costa, R. D., Silva, M. P. da, Souza, Z. A. de, Souza, L. P. S. e, Fernandes, T. G., & Gama, A. S. M. (2022). Automedicação entre estudantes de graduação do interior do Amazonas. *Acta Paulista de Enfermagem*, 35. <https://doi.org/10.37689/acta-ape/2022ao000134>

Marini, D. C., Carvalho, A. D., Carmo, D. Do M., & Limone, S. de C. (2015). Perfil da Automedicação em Universitários da Cidade de Mogi Guaçu. *Foco: Caderno de Estudos e Pesquisas*, 0(6). <https://www.revistafoco.inf.br/index.php/FocoFimi/article/view/46>

Marques, Thais Rodrigues. (2014). *Fatores associados à automedicação*. Faculdade de ciências e educação sena aires.

Martinez, J. E., Pereira, G. A. F., Ribeiro, L. G. M., Nunes, R., Ilias, D., & Navarro, L. G. M. (2014). Estudo da automedicação para dor musculoesquelética entre estudantes dos cursos de enfermagem e medicina da Pontifícia Universidade Católica - São Paulo. *Revista Brasileira de Reumatologia*, 54(2), 90–94. <https://doi.org/10.1016/J.RBR.2014.03.002>

- Melo, J. R. R., Duarte, E. C., Moraes, M. V. de, Fleck, K., & Arrais, P. S. D. (2021). Automedicação e uso indiscriminado de medicamentos durante a pandemia da COVID-19. *Cadernos de Saúde Pública*, 37(4). <https://doi.org/10.1590/0102-311x00053221>
- Mendes, C. (2014). Perfil socioeconômico da automedicação em Teresina. *Revista Interdisciplinar*, 7(4), 115–123.
- Montanari, C. M., Aparecida De Souza, W., Oliveira Vilela, D., Sousa, F., Helena, M., Cardoso, M., & Ferreira, E. B. (2014). Automedicação em acadêmicos de uma universidade pública do sul de Minas Gerais. *Tempus – Actas de Saúde Coletiva*, 8(4), ág. 257-268. <https://doi.org/10.18569/TEMPUS.V8I4.1596>
- Moraes, D. C., Silva Júnior, G. D., Soares, M. P., & Collier, K. F. S. (2015). Automedicação Praticada por Acadêmicos do Curso de Graduação em Enfermagem do Centro Universitário de Gurupi, Tocantins. *Revista Cereus*, 7(2), 105–116. <https://doi.org/10.18605/2175-7275/CEREUS.V7N2P105-116>
- Moraes, R. C. S., Mendonça, T. H. N., Pacheco, M. de J. T., & Ganz, J. S. S. (2016). Analgésicos e anti-inflamatórios: o consumo por crianças de uma unidade de saúde em São Luís, Maranhão. *Revista de Pesquisa Em Saúde*, 16(3).
- Mussolin, N. M. (2004). *A automedicação: um estudo entre universitários de enfermagem e de relações públicas*.
- Odete Pereira Amaral, M., Marisa Bernardo Lages, A., Bárbara Oliveira Sousa, L., Cristiana Mateus Almeida, L., Juliana Lopes Santos, M., Assunção Dias, M., Marques Silva, D. DA, & Manuel Figueiredo Pereira, C. DE. (2014). Automedicação em Jovens e Adultos da Região Centro de Portugal. *Millenium*, 47 (jun/dez). Millenium, 97–109.
- Pelicioni, A. F. (2006). *Padrão de consumo de medicamentos em duas áreas da Região Metropolitana de São Paulo, 2001 - 2002* [Universidade de São Paulo]. <https://doi.org/10.11606/D.6.2005.TDE-29032006-181215>
- Pires Freitas, V., Matheus, Marques, S., Stênio, & Duarte, F. P. (2017). Automedicação em Universitários do curso de Graduação da área de Saúde em uma Instituição de Ensino Superior Privada em Vitória da Conquista. *Revista Multidisciplinar e de Psicologia*, 11(39), 25–37. <http://idonline.emnuvens.com.br/id>
- Sá, M. B., De Barros, J. A. C., & Sá, M. P. B. D. O. (2007). Automedicação em idosos na cidade de Salgueiro-PE. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 10(1), 75–85. <https://doi.org/10.1590/S1415-790X2007000100009>
- Santos, D. P., & Coutinho, G. C. (2010). Avaliação da prática da automedicação em acadêmicos da associação educacional de Vitória. *Associação Educacional de Vitória unidade de Conhecimento em Ciências Médicas e Saúde*.
- Schuelter-Trevisol, F., Trevisol, D. J., Jung, G. S., & Jacobowski, B. (2011). Automedicação em universitários. *Rev. Soc. Bras. Clín. Méd.* <http://files.bvs.br/upload/S/1679-1010/2011/v9n6/a2556>
- Silva, F. M. da, Goulart, F. C., & Lazarini, C. A. (2014). Caracterização da prática de automedicação e fatores associados entre universitários do curso de Enfermagem. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, 16(3), 644–651. <https://doi.org/10.5216/REE.V16I3.20850>
- Souza, M. A., Hoeller, B., & Goetz, E. R. (2015). Estudo comparativo da automedicação praticada por estudantes dos cursos das áreas de ciências da saúde, humanas, exatas e sociais da Universidade do Planalto Catarinense – UNIPLAC. *Infarma - Ciências Farmacêuticas*, 27(2), 142–148. <https://doi.org/10.14450/2318-9312.V27.E2.A2015.PP142-148>
- Tânia Sofia Correia. (2003). O insucesso escolar no ensino superior estudo de caso: os alunos de licenciatura que se dirigem ao núcleo de aconselhamento psicológico do instituto superior técnico. Instituto superior de ciências do trabalho e da empresa.
- Tesser, C. D. (2006). Medicalização social (I): o excessivo sucesso do epistemicídio moderno na saúde. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 10(19), 61–76. <https://doi.org/10.1590/S1414-32832006000100005>
- Varanda Pereira, L., Alves Ferreira Souza, L., Damázio da Silva, C., Carvalho Ferraz, G., & Aparecida Emm Faleiros Sousa, F. (2011). Prevalência e caracterização da prática de automedicação para alívio da dor entre estudantes universitários de enfermagem. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 19(2), 1–7. www.eerp.usp.br/rlae
- Veras Ribeiro, V., Augusto Souza, C., Soares Sarmiento, D., José Matos, J., & Alves Rocha, S. (2004). Uma abordagem sobre a automedicação e consumo de psicotrópicos em campina grande-pb. *Infarma*, 15, 11–12.